



A EDUCAÇÃO DO FUTURO ESTÁ AQUI! #3



Introdução

Daniel Kahneman, o psicólogo prémio nobel de Economia, ensinou-me duas coisas: que o princípio da racionalidade dos agentes económicos na tomada de decisão, que sustenta toda a teoria económica, pode não ser bem assim e que, *«podemos ser cegos ao óbvio e somos também cegos à nossa cegueira»*, uma afirmação que aceitamos facilmente quando se trata de aplicar aos outros. É com este pano de fundo que vou falar do Arco Maior.

O Arco Maior é um projeto de combate ao abandono escolar, centrado na fase de remediação, uma vez que visa reabilitar jovens em processo efetivo de abandono. Opto por fazer um relato, naturalmente enviesado, do modo como trabalhamos no Arco Maior, de modo a pudermos extrapolar, sendo possível, sobre a prevenção do abandono escolar, tema desta intervenção.

A participação democrática

No primeiro contacto com a organização que se propõe acolhê-lo, cada jovem é confrontado com os princípios através dos quais a sua integração será exequível:

O primeiro é o direito e o dever a participar na construção dos normativos com os quais a instituição se rege. Terá a responsabilidade e a oportunidade de analisar o que existe e de propor alterações ou novas normas que balizem o quotidiano da organização e do seu funcionamento. Este direito à participação é um elemento de cidadania que, por estranho que possa parecer, faz com que muitos deles se interroguem sobre se estamos a falar verdade. Porque, na maioria das vezes, nunca este ato de participação democrática lhes foi equacionado, quanto mais reconhecido. As assembleias gerais, com periodicidade semanal, levam a que o aluno diga *Arco também sou eu* e por isso se sinta obrigado a pensá-lo todos os dias. Uma vez por semana debatemos tudo o que houver para debater. São momentos a que estão pouco habituados e onde nem sempre se sentem à vontade, porque ainda não estão acostumados a tanta conversa, a ter de esperar pela sua vez, a negociar com pessoas que parece que não pensam no que dizem, ou que pensam de modo diferente do seu, a ter de ouvir coisas que parecem estúpidas, até se chegar a um entendimento. Mas é assim que construímos as nossas regras, que decidimos o que fazer quando alguém não cumpre, que percebemos por que razão temos de respeitar as regras e de as fazer respeitar. É na Assembleia que se prestam contas, desde o dinheiro da solidariedade que se ganhou no Restaurante Pedagógico, até que famílias vão ser apoiadas, passando pelas faltas a que temos direito para não perder o passe, até às condições que devemos reunir para termos

direito ao almoço, etc. Às vezes corre mal, claro. Não estamos a falar da Assembleia da República. Já tivemos momentos muito complicados, mas a vida também nunca foi simples. Sublinho, então, esta primeira condição: - participação ativa dos jovens no processo da tomada de decisão.

Atenção e consideração

Em segundo lugar dar-se-ão conta de que a sua pessoa é merecedora de consideração e de atenção, uma vez que os elementos mais importantes da hierarquia, neste caso, os coordenadores do polo, estão a recebê-lo, a ouvir as suas observações, a explicar o que houver por necessário, a perder tempo com ele. É um luxo a que nunca tiveram direito. Verificam que essa atenção e esse tempo lhe são conferidos apesar dos seus resultados escolares anteriores, normalmente catastróficos, apesar do seu percurso académico, normalmente pejado de retenções, independentemente do conjunto de peripécias em que a vida tem sido pródiga e sobre as quais nunca julgaram poder pronunciar-se sem a censura imediata e a punição concomitante.

Terá a oportunidade de constatar que não terá mais, nem menos, direitos que os seus colegas de percurso. Independentemente da maior ou menor facilidade com que se desenvolvam os processos de aprendizagem. Compreenderá que há consideração e respeito para além dos resultados escolares.

Sublinho esta segunda dimensão, centrada na atenção e na consideração como valores humanistas de inclusão.

Diversidades individuais, diversidade de soluções

O tempo, a atenção e a consideração serão o cimento que os liga à instituição e permitirão a esta perceber os caminhos que podem conduzi-los ao conhecimento e às competências. Apreenderá que as boas raparigas vão para o céu, claro, mas que as outras também poderão lá chegar, ainda que por estradas e veredas distintas, com pontos de encontro e de desencontro, plurais e polissémicos, umas vezes em linha reta e outras vezes em curvas acentuadas, metendo marcha atrás quando for necessário e acelerando sempre que possível. É no manancial das inteligências múltiplas que os mapas possibilitam desenhar diversos percursos que convergem no final. Sublinho esta terceira dimensão do nosso trabalho: - A consciência da sua dignidade nasce no momento em que a instituição respeita, aceita e integra a sua diversidade e lhe possibilita não se expor ao ridículo da ignorância na carta de saberes, pretensamente universais, em que a escola pode transformar o currículo.

A metodologia do trabalho de projeto, onde tentamos consolidar as abordagens já encetadas, as dinâmicas de participação, a multiplicidade de locais onde as aprendizagens podem ocorrer, são as técnicas exploratórias do envolvimento desigual e combinado com que os podemos conquistar. Um trabalho exigente, que reclama a alteração dos registos habituais, que exige paciência e perseverança por parte de formandos e de formadores, alicerçados num trabalho cooperativo e solidário, sistemático e contínuo. No Arco reunimos semanalmente a equipa pedagógica para afinar procedimentos, ajustar ou alterar as metodologias, equacionar se para o caso concreto há uma solução mais ajustada.

Proximidade relacional e afetiva

Este trabalho só é possível se sustentado na proximidade relacional e afetiva dos coordenadores e dos formadores, que são os mais poderosos elementos de integração que temos ao nosso dispor. Os formadores são os adultos de referência e a sua capacidade de perdão, a sua disponibilidade para perceber a educação como um processo de alteração de comportamentos, na estrada que liga a ignorância e o conhecimento, a sua resiliência face aos desafios do quotidiano, a capacidade de não dar «*mais do mesmo*», sobretudo quando já temos evidências quanto baste que esse mesmo não resulta, de ser inesperado, de criar estupefação, de ser sempre, sempre aberto ao regresso de cada jovem para quem o abandono é uma espécie de terapia relacional, onde se sente vencedor, apesar de perder é a forma onde cabemos como educadores.

Volto a Daniel Kahneman, que afirma: «*As pessoas que são, em simultâneo, desafiadas para uma tarefa cognitiva exigente e por uma tentação terão mais tendência para ceder à tentação*». E, neste particular, pouco ou nada nos distingue. Para nós, seria sempre extraordinário ouvir um destes jovens perguntar-nos:

- Desculpe, foi você que pediu um Porto Ferreira?

Mas isso seria pedir demais, mesmo que algumas vozes nos dissessem que essa devia ser a pergunta certa.

Antero Afonso, 2017, novembro, 17